

HUGO CRISTIANO NORA

**PREVALÊNCIA DO TABAGISMO E SEUS
DETERMINANTES ENTRE ESCOLARES DA REDE
ESTADUAL DE EDUCAÇÃO NO ANO DE 2001
NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

**Trabalho apresentado à Universidade Federal
de Santa Catarina, para a conclusão do Curso
de Graduação em Medicina.**

**Florianópolis
Universidade Federal de Santa Catarina
2002**

HUGO CRISTIANO NORA

**PREVALÊNCIA DO TABAGISMO E SEUS
DETERMINANTES ENTRE ESCOLARES DA REDE
ESTADUAL DE EDUCAÇÃO NO ANO DE 2001
NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

**Trabalho apresentado à Universidade Federal
de Santa Catarina, para a conclusão do Curso
de Graduação em Medicina.**

**Presidente do colegiado de curso: Prof. Dr. Edson José Cardoso
Professor: Doutor Marco Aurélio da Ros
Professora: Doutora Senen Dyba Hauff**

**Florianópolis
Universidade Federal de Santa Catarina
2002**

AGRADECIMENTOS

Venho com muita honra agradecer as pessoas que estiveram presentes ao longo do desenvolvimento do presente estudo. Em especial agradeço a Sra. Nara B. Bússulo Capeler, Diretora do Ensino Médio da Secretaria Estadual da Educação e do Desporto pela oportunidade oferecida e pelo patrocínio dos questionários aplicados.

Muito devo aos dirigentes das escolas abordadas no estudo, pela receptividade e educação a mim concedida. Agradeço profundamente aos professores, pela educação em ceder momentos do seu tempo para que a pesquisa pudesse ser realizada à contento.

Agradeço ao Professor Doutor Marco Aurélio da Ros (Marcão) pela amizade, pela prestatividade, pelo interesse, pela atenção e pela orientação concedida.

Agradeço em especial a Doutora Senen Dyba Hauff, que dividiu comigo seu conhecimento, sua determinação e seu entusiasmo em salvar vidas pela prevenção e educação, atributos fundamentais para minha carreira futura.

Não poderia esquecer dos alunos entrevistados, que por meio dos dados e depoimentos coletados, compartilharam curiosidades, intimidades e histórias de vida.

Agradeço aos amigos e parentes pelos momentos de minha ausência, não só neste momento, mas também ao longo da minha formação, mas tenham certeza que foi por uma causa nobre. A todos vocês agradeço respeitosamente.

RESUMO

Prevalência do Tabagismo e seus Determinantes entre escolares da Rede Estadual de Educação no Ano de 2001 na Cidade de Florianópolis. Hugo Cristiano Nora. Universidade Federal de Santa Catarina.

Objetivo: Estudar as características epidemiológicas do cigarro e seus determinantes em uma amostra de estudantes do segundo grau.

Métodos: Estudo quantitativo, transversal, de base populacional, em uma amostragem de 465 estudantes do segundo grau da Rede Estadual de Ensino do Estado de Santa Catarina, estudados por questionário anônimo, no ano de 2001.

Resultados: Observou-se que 10 % dos estudantes eram fumantes atuais, 60 % destes eram do sexo feminino. Do total, 46 % já haviam experimentado o tabaco, sendo o consumo maior no turno noturno (12,8 %) e entre estudantes da primeira série (12,3 %). 99 % reconhecem o malefício do tabagismo à saúde e 62 % acham a publicidade de cigarros enganosa, mas dos que fumaram ou fumam, 48 % começaram por curiosidade e 73 % dos entrevistados não debatem com os pais os malefícios do tabagismo.

Conclusões: A prevalência encontrada foi menor que a de estudos semelhantes, com predomínio entre a população feminina. Necessitam-se novos estudos, de campanhas educativas nas escolas e da compreensão da multicausalidade na epidemiologia do tabagismo.

Autor: Hugo Cristiano Nora, hugonora@zipmail.com.br, (48) 9901-0189

SUMMARY

Prevalence of smoking and its characteristics among students of public school in the city of Florianópolis in 2001. Hugo Cristiano Nora. Federal University of Santa Catarina.

Objective: To evaluate the prevalence of tobacco smoking and its determinants among adolescents.

Methods: A cross-sectional study, was carried in 2001 and a sample of 465 adolescents who were studying on public state school using an anonymous, self-administrated questionnaire.

Results: It was observed that 10 % of the students were smokers, with a prevalence increased in the female sex (60%), between the night students and in the first case (12.3%): 46 % of all, reported having smoked yet, and 99 % recognize the harm of cigarret smoking, and 62 % of all, don't believe in cigarret advertising. But, 48 % of smokers started to smoke for curiosity and 73 % of all, don't talk with their parents about the venom of cigarret smoking.

Conclusions: In the present study, the prevalence are lower than in other studies and more preventive programs and studies are needed for the appreciation of phenomenon of smoking tobacco by the youth.

Author: Hugo Cristiano Nora, hugonora@zipmail.com.br, (48) 9901-0189.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p. 01
2. OBJETIVOS.....	p. 06
3. MÉTODOS	p. 07
4.. RESULTADOS	p. 09
5. DISCUSSÃO	p. 17
6. CONCLUSÕES	p. 22
7. REFERÊNCIAS	p. 23

1. INTRODUÇÃO

A organização mundial da saúde (OMS), estima que 4 milhões de pessoas morrerão devido ao tabagismo em 2002, sendo previsto um total de 8,4 milhões de mortes a partir de 2020 caso mantenha-se o ritmo de consumo atual ¹. Estima-se que 70 % destas mortes ocorrerão em países em desenvolvimento.

Mantendo-se a atual tendência de início de exposição ao tabagismo, que é de 1,9 kg per capita, estima-se que 250 milhões de mortes ocorrerão em pessoas que hoje são crianças e adolescentes ¹.

Estimativas do Ministério da Saúde apontam que 36 % da população brasileira é fumante e que uma em cada sete mortes no Brasil decorrem de doenças tabaco-relacionadas. Estima-se que em 1996 ocorreram 268.000 novos casos de câncer no Brasil, com 100.000 óbitos ². No ano de 2000 estima-se que ocorreram 10.5 milhões de novos casos de câncer no mundo, sendo 60 % deles em países em desenvolvimento, que contam com somente 5 % dos recursos mundiais ².

Segundo a OMS, o tabaco é a droga mais comumente usada e amplamente disseminada em todo o mundo, sendo considerada lícita em todos os países.

No Brasil os produtos da *Nicotina tabacum* têm seu registro de uso mais antigo registrado há aproximadamente 10.000 anos no município de Lagoa Santa, Minas Gerais, onde foram encontrados cachimbos usados para o consumo da droga em rituais Xamãs ³. Em 1500 D.C., Pedro Álvares Cabral já havia relatado o encontro de nativos aspirando fumaça de rolos feitos de folhas em rituais mágico-medicinais.

O tabaco tornou-se cobiçado comercialmente quando Jean Nicot, arquivista diplomata do império francês, usou-o para curar dores de cabeça da rainha da França. Tal produto procedia de Portugal, que por sua vez, negociava-o sob forma de escambo com os índios brasileiros ³. Nesse período o tabaco chegou a ser usado na Europa como erva medicinal em até 59 doenças diferentes.

No século XVII os negros procedentes do Golfo da Guiné começaram a serem usados como moeda de troca por tabaco produzido no recôncavo baiano, também se tornando mão de obra no cultivo da planta. Houve um intercâmbio cultural entre os negros e índios, surgindo figuras folclóricas importantes dessa união. O saci-pererê, o preto velho e o curupira são figuras folclóricas que têm em comum o uso do fumo. Infelizmente, os grilhões do cárcere ainda hoje são presentes e negros e mestiços formam um contingente populacional empobrecido em que a prevalência do tabagismo chega a ser de até 50 % na população adulta deste grupo ³.

Na Europa colonialista o cigarro vira símbolo de nobreza, sendo usado sob forma de cachimbo no século XVII, rapé ou mascado no século XVIII, ou charuto no século XIX, especialmente os cubanos.

A importância político-econômica do cigarro no Brasil império e do Brasil república pode ser medido pelo fato de o brasão nacional trazer dois ramos de plantas entre as riquezas nacionais: um de café e outro de fumo.

No século XX a conjunção do capitalismo, a industrialização do tabaco enrolado em papel, as mudanças sociais, a consolidação do proletariado, a urbanização, as grandes guerras, o surgimento dos meios de comunicação e do marketing permitiram a “globalização” do consumo de tabaco entre as camadas mais pobres ³.

Os meios de comunicação desde o início usaram a imagem do tabaco como glamour, sendo que somente no século XX as mulheres participam mais ativamente no consumo. No Brasil as primeiras seis marcas de cigarros tiveram nomes de mulheres ³, procurando associar a imagem do cigarro com a imagem de sensualidade.

Com o surgimento do movimento de emancipação feminina no pós 2ª Guerra Mundial, lançaram-se marcas ditas “femininas” de cigarros, incrementando o consumo de cigarros pelo público feminino. Enquanto hoje observa-se queda no consumo por parte dos homens, observa-se aumento progressivo do tabagismo entre as mulheres desde a adolescência, período reprodutivo portanto, aumentando a incidência de doenças tabaco-relacionadas, não só nelas, mas também em seus filhos.

A partir da 2ª Guerra Mundial, o Brasil sofre um importante processo de urbanização (50 % em 1965) até tornar-se um dos países mais industrializados da América Latina, passando a

ter uma população predominantemente adulto jovem (65 % com idades entre 15 e 65 anos) nos anos 80 ⁴.

O êxodo rural não impediu que a produção brasileira de tabaco saltasse de 157.700 toneladas para 450.000 toneladas em 1990, 50 % para o mercado interno, tornando-o o terceiro maior produtor mundial atrás de EUA e China. O tabaco representou em 1990 o terceiro produto agrícola de exportação na balança comercial, atrás apenas do café e da soja.

Em 1990 a produção mobilizou 160.000 fazendas brasileiras ou 0,57 % das terras agricultáveis, sendo que 80 % delas localizados no Rio Grande do Sul (maior produtor nacional), Santa Catarina (2º maior produtor nacional) e Paraná ³.

São quatro as empresas que controlam o mercado brasileiro de tabaco: Souza Cruz (British-American Tobacco Company) com 79.4% do mercado em 1988; R.J. Reynoulds com 9,5 %, Philip Morris Company com 8 % e Sudan, única empresa nacional com 2.8 % do mercado doméstico ⁴.

A produção nacional tem características que o tornam até 50 % mais barato que o fumo americano, a começar pela secagem das folhas que é feita com lenha, que para cada quilo de folha seca, usa-se 25 kg de lenha e também pelo uso de agrotóxicos em larga escala ³.

Em nosso país o cigarro é incluso na cesta básica, o que limita aumento na tributação (74 %, contra 83 % na Suécia) uma vez que a variação de preços da cesta básica é importante índice de cálculo inflacionário. Desta forma a determinação de preços que é feita via acordo entre a ABIFUMO e o Governo Federal, considerando aos fatores citados, determina que o cigarro chegue ao fumante brasileiro extremamente barato (\$US 0,34 em 1989) quando comparado a outros países ⁴.

A publicidade tem sido ferramenta largamente usada para manter o mercado em expansão, em 1990 o Brasil foi o país do continente americano que teve maior gasto per capita, sendo atualmente as campanhas pró-tabagismo o décimo maior veiculador de mídia direta (\$US 68.197.200 em 1988) no Brasil.

Com as restrições e regulamentações publicitárias impostas às indústrias ao longo da década de 90, as indústrias passaram a valer-se da publicidade indireta, patrocinando eventos culturais (Free Jazz Festival, Hollywood Rock Festival, Oktoberfest), esportivos (Formula 1, Camel Trophy, Hollywood Motocross,...) e inclusive beneficentes como o patrocínio de

veículos da fábrica e funcionários uniformizados para suporte às campanhas Estaduais de vacinação antipólio em todo o nordeste brasileiro, exceção à Bahia e Piauí. Sendo nesses eventos a distribuição gratuita de cigarros ⁴.

Também em Santa Catarina é público o patrocínio do programa horta escolar firmado em acordo entre o Governo Estadual e a empresa Souza Cruz, assim como patrocínio ao Mc Dia Feliz, evento que angaria fundos beneficentes ao Hospital Infantil Joana de Gusmão, filiado à Secretaria Estadual de Saúde.

Todos estes fatores em conjunto contribuíram para que o consumo de cigarros no Brasil crescesse 132 % entre 1970 e 1986, enquanto a população teve um crescimento de 49 % no mesmo período.

O consumo teve seu maior crescimento no segmento da população jovem (crianças e adolescentes), sendo que em pesquisa desenvolvida em 1988 pelo Ministério da Saúde, constatou-se que 82 % dos homens e 69.4 % das mulheres entrevistadas, haviam começado a fumar antes dos 19 anos de idade.

O difícil processo de socialização e a conseqüente entrada no mercado de trabalho tornam este grupo especialmente suscetível às pressões e hábitos do mundo adulto, tão bem expostos na publicidade de cigarros. É entre os jovens que se captam novos fumantes, mantendo o mercado consumidor, que diminui com a morte dos antigos fumantes. Aos jovens o cigarro é vendido como agente socializador na dinâmica de grupo característica da adolescência ^{1,4}.

Dados levantados em 1996 pelo Instituto Nacional do Câncer, INCA, órgão ligado ao Ministério da Saúde com a função de pesquisa estatística, clínica e terapêutica em câncer no Brasil revelam que 90 % dos fumantes ficam dependentes da nicotina entre os 5 e 19 anos ⁷. Outra pesquisa realizada em 10 capitais brasileiras em 1987, revelou a prevalência de 20 % de fumantes entre alunos de 1º e 2º graus ⁵. Inúmeros outros estudos vieram corroborar a teoria de multicausalidade como fator determinante do tabagismo entre jovens, sendo este um fenômeno mundial, também aplicável ao consumo de entorpecentes ⁶.

Existem poucos estudos multicêntricos que estudem a epidemiologia brasileira do tabagismo entre jovens, o que dificulta a criação de estratégias e campanhas nacionais de conscientização e educação. São agravantes a dimensão continental do país e a diversidade cultural decorrente das mais diversas etnias que colonizaram nosso território.

Santa Catarina é um estado que merece atenção especial por ter formação étnica bastante diversificada, características sócio-político-culturais contrastantes entre suas diferentes micro-regiões, além do poder aquisitivo acima da média, o que em tese facilitaria a aquisição de cigarros pelos jovens e adolescentes ². Some-se a isso sermos o segundo maior produtor nacional, sendo a produção feita predominantemente em micro-propriedades com extenso uso de mão de obra familiar, e por consequência, com o uso de mão de obra infantil ou jovem no cultivo do fumo ⁴.

Não possuímos ações e programas anti-tabágicos centralizados na educação e tão pouco bases estatísticas seguras e bem fundamentadas acerca da epidemiologia entre nossos estudantes. Existem tentativas heróicas de conscientização e orientação dos alunos sendo implementadas isoladamente, mas carentes de recursos técnicos e de orientação direcionada aos jovens.

Assim sendo, o presente trabalho pretende ser um auxílio à melhor compreensão da epidemiologia do tabagismo entre jovens estudantes da Rede Estadual de Ensino e uma colaboração para que se conheça a realidade em que estamos inseridos. Esperamos que com isso floresçam atividades preventivas, que certamente ajudarão a melhorar a qualidade do nosso ensino ⁶ e a esvaziar as enfermarias de nossos hospitais no futuro ⁸.

2. OBJETIVO

O objetivo do presente estudo foi avaliar a prevalência do tabagismo e seus determinantes entre alunos de cinco escolas do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino no ano de 2001 em Florianópolis.

3. MÉTODOS

Em julho de 2001 foi realizado estudo quantitativo, analítico, de delineamento transversal e de base populacional. O objeto de estudo foram estudantes do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino.

A pesquisa foi desenvolvida em Florianópolis, cidade com aproximadamente 300.000 moradores fixos, situada no litoral do Estado de Santa Catarina.

Em 2001 havia em Florianópolis 22.447 alunos da 1^a, 2^a e 3^a séries do segundo grau, matriculados na rede estadual de ensino, federal e na rede particular segundo dados da Secretaria Estadual da Educação. Cabe ressaltar que a denominação de Segundo Grau mudou para Ensino Médio, maneira como é oficialmente denominada dentro dos trâmites administrativos das instituições da Rede Estadual de Ensino.

Nas três séries do Ensino Médio de Florianópolis os estudantes estavam assim distribuídos: em 42 escolas públicas estaduais estavam matriculados 12.078 (53.8 %), nas 20 escolas particulares havia 7.228 alunos (32.2 %) e nas quatro escolas federais havia 2.511 alunos (11.1 %).

As escolas foram selecionadas seguindo critérios de conveniência numérica de alunos e presença das três séries abordadas. Foram selecionadas cinco escolas estaduais geograficamente distribuídas ao longo das porções norte, central e sul da ilha. Segundo dados oficiais da Secretaria Estadual de Educação e Desporto, estas escolas havia 711 alunos matriculados nas séries de abordadas no estudo, correspondendo a 5.88 % do total de alunos matriculados na rede estadual de educação na cidade de Florianópolis, nas séries equivalentes.

Contudo, houve desencontro entre os dados oficiais fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação e o total de 526 alunos realmente matriculados nas escolas selecionadas, segundo informações prestadas diretamente pelas secretarias das escolas selecionadas.

Não há como calcular precisamente o grau de perdas e cobertura pela inexistência de registros precisos de quantos alunos estavam realmente matriculados nas escolas e turnos

pesquisados. Contudo dos 465 questionários distribuídos, somente sete foram entregues completamente sem preenchimento (1.09 %).

Foram considerados participantes todos os alunos presentes nos período diurno, vespertino ou noturno das respectivas escolas que responderam ao questionário padrão. Previamente à aplicação do questionário anônimo em cada sala de aula, foram dadas explicações objetivas, imparciais e detalhadas pelo autor sobre a importância do correto preenchimento do questionário e do objetivo do estudo.

Todos os questionários foram aplicados somente pelo autor nas cinco escolas selecionadas; EEB Simão José Hess (turno matutino e vespertino), EEB Celso Ramos (turno matutino), EEB Presidente Roosevelt (turno vespertino), EEB Dom Jaime B. Câmara (turno noturno), EEB Antônio P. Apóstolo (turno noturno); entre os meses de junho e julho de 2001, nas três séries do Ensino Médio.

O questionário continha espaço para 3 questões subjetivas e 30 questões objetivas. Da primeira à sexta questão procurou-se avaliar informações de sexo, idade, religião, residência, trabalho ou consumo de drogas ilícitas. Da sétima à décima primeira abordou-se como é a interação do entrevistado com a mídia. Da décima segunda até a décima sétima avaliou-se como se dá ou como se deu a interação do cigarro ao longo da vida do entrevistado. Da décima oitava até a vigésima terceira questão levantou-se o grau de dependência do fumante atual através do Questionário de Fargenstron, que quantifica o grau de dependência química à nicotina e serve como recurso clínico para melhor orientação terapêutica no tratamento do fumante. Da vigésima quarta à trigésima primeira questão avaliou-se como é a interação do fumante dentro de seu ambiente familiar e social.

Na trigésima segunda questão avaliou-se a relação tabagismo e prática esportiva e na trigésima terceira questão procurou-se avaliar a qual classe social pertencia o entrevistado segundo critérios adotados pela Sociedade Brasileira de Pesquisas de Mercado, publicada pelo IBOPE. Vale ressaltar que os dados levantados nesta questão não foram enquadrados no estudo final pelo não encontro de literatura que embasasse os critérios dessa classificação na literatura ou no escritório da instituição em Florianópolis.

As questões vinte a vinte e seis tiveram uma marcação lateral indicando-as como de preenchimento exclusivo por fumantes. A última questão era aberta para sugestões e opiniões sobre qualquer assunto pertinente à pesquisa ou ao tabagismo.

As respostas foram codificadas, digitadas e analisadas usando o software Excel.

4. RESULTADOS

Do total de 711 alunos matriculados nas escolas selecionadas, conforme dados oficiais fornecidos pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto de Santa Catarina, 465 alunos compareceram à sala de aula nos dias das entrevistas, sendo que 458 (98 %) alunos aceitaram responder o questionário. Cada variável do questionário ficou com algumas informações ignoradas por falta de resposta, estatisticamente quantificadas como respostas nulas.

Entre os entrevistados, 136 (28 %) dos alunos estudavam na Escola Estadual Dom Jaime de Barros Câmara, 111 (25 %) alunos na Escola Estadual Simão José Hess, 84 (18 %) na Escola Estadual Antônio Paschoal Apóstolo, 81 (18 %) na Escola Estadual Presidente Roosevelt e 52 (11 %) dos alunos na Escola Estadual Celso Ramos.

Do total, 113 (24.6 %) alunos estudavam no turno matutino, 135 (29.5 %) no turno vespertino e 210 (45.8 %) no turno noturno. Entre eles, 228 (50%) estudantes estavam cursando a primeira série do segundo grau, 150 (33 %) estava na segunda série e 80 (17 %) na terceira série do segundo grau.

Do total de alunos (GRÁFICO I), 248 (60%) eram do sexo masculino e 210 (40 %) do sexo feminino. A maioria tinha idade entre 15 e 16 anos (50 %), seguido do grupo entre 17 e 18 anos (31 %), e entre 19 e 20 anos (8 %).

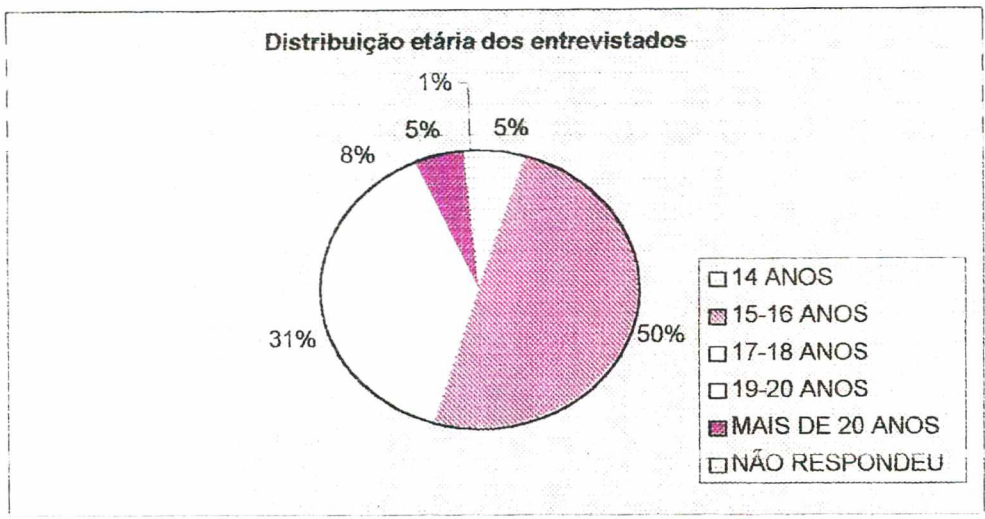


GRÁFICO I – Distribuição etária dos 465 entrevistados.
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

A maioria absoluta dos entrevistados; 447 (97 %) afirmaram residir em área urbana. Entre os entrevistados, 332 (71 %), eram praticantes da religião católica e 37 (8 %) evangélicos. A maioria dos entrevistados, 297 (65 %), não tinham renda própria.

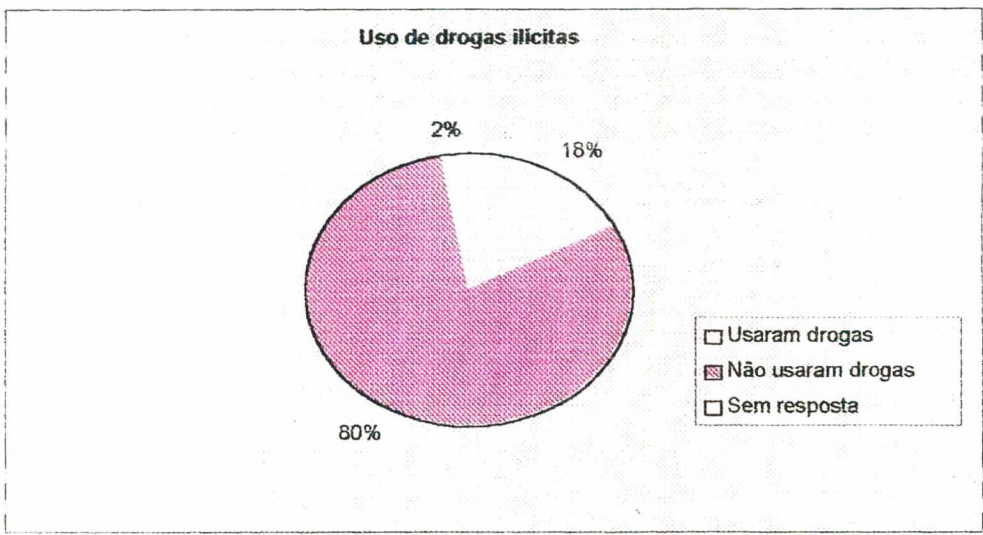


GRÁFICO II – Proporção de usuários de drogas ilícitas.
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

Entre os entrevistados, 82 (18 %) afirmaram já ter consumido outra droga que não o cigarro ou álcool em algum momento da vida (GRAFICO II). A prevalência total do tabagismo foi de 10 % para ambos sexos (GRAFICO III), sendo que entre os fumantes atuais, 28 (60 %) são do sexo feminino e 19 (40 %) do sexo masculino. Somente 15 (35 %) dos fumantes atuais trabalham e 32 (65 %) afirmaram não trabalhar.



GRÁFICO III – Prevalência do tabagismo entre os entrevistados.
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

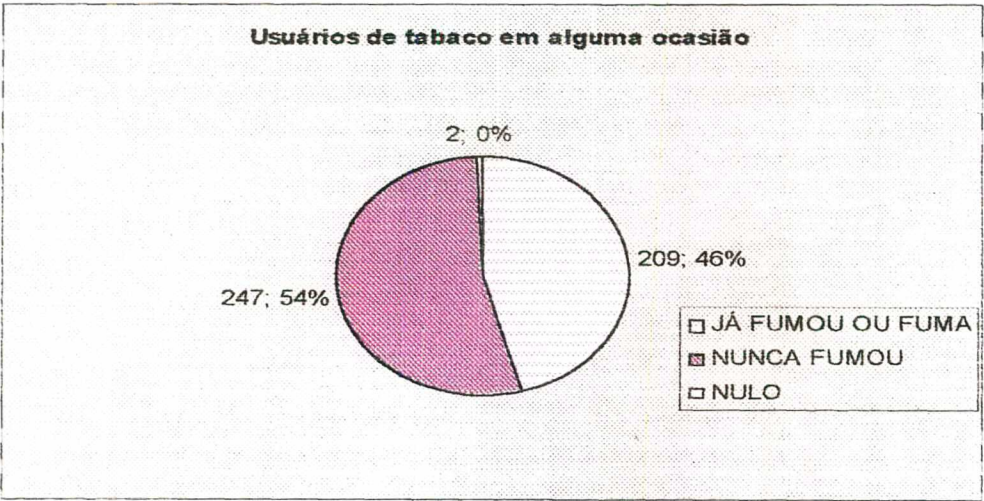


GRÁFICO IV – Entrevistados que referem já ter feito uso de tabaco
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

Observa-se aumento do número de fumantes ao longo dos turnos (GRÁFICO V), foram 4 (3,5 % dos alunos do correspondente turno) fumantes no turno matutino, 16 (11,85 %) fumantes no turno vespertino e 27 (12,8 %) fumantes no turno noturno.

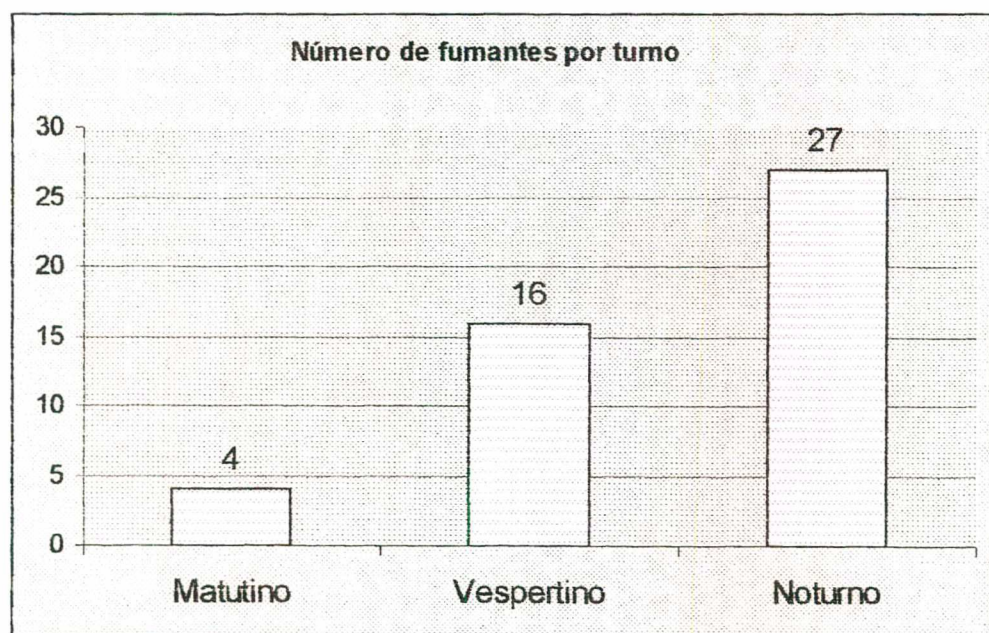


GRÁFICO V – Quantificação do número de fumantes por turno

Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

Fenômeno inverso ocorreu com o aumento da escolaridade: 28 (12,3 %) dos 228 estudantes da primeira série eram fumantes; 14 (9,3 %) dos 150 estudantes da segunda série eram fumantes e 5 (6,3 %) dos 80 fumantes da terceira série eram fumantes.

É praticamente unânime, (99 %), a opinião de que o cigarro é maléfico à saúde. Contudo entre os entrevistados, 48 (10%) eram fumantes atuais e 209 (46 %) afirmaram já ter fumado em algum momento da vida. A média de idade em que os entrevistados tiveram seu primeiro contato com o cigarro, seja fumante atual ou não, foi de 12,8 anos de idade.

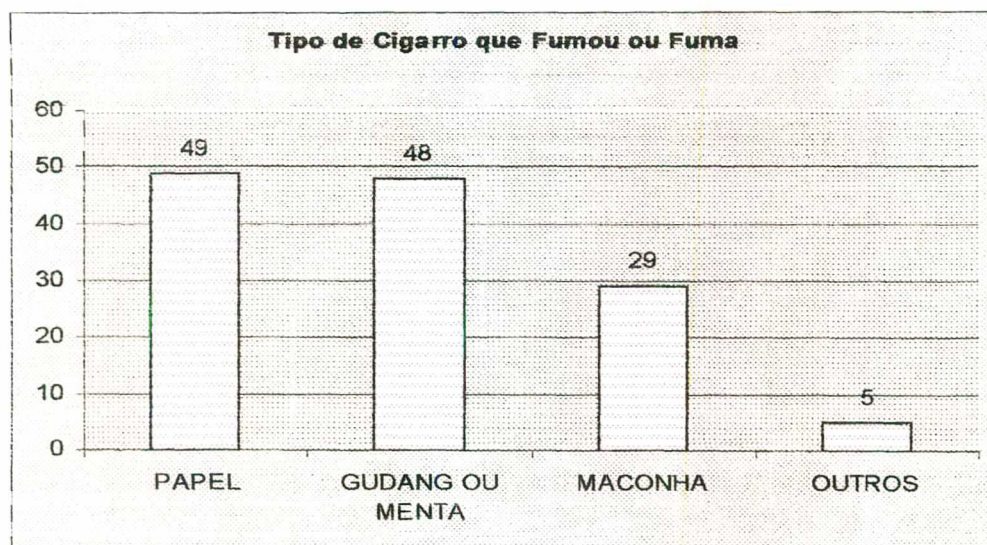


GRÁFICO VI – Modalidades de cigarros entre fumantes
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

Entre os fumantes atuais, a distribuição dentro da classificação de dependência de Fargenstron, mostrou prevalência de fumantes na categoria A com 35 (72 %) fumantes, seguida pela categoria B com 10 (20 %) fumantes, categoria D com 3 (6 %) dos fumantes e categoria C com 1 (2 %) fumante (GRÁFICO VII).

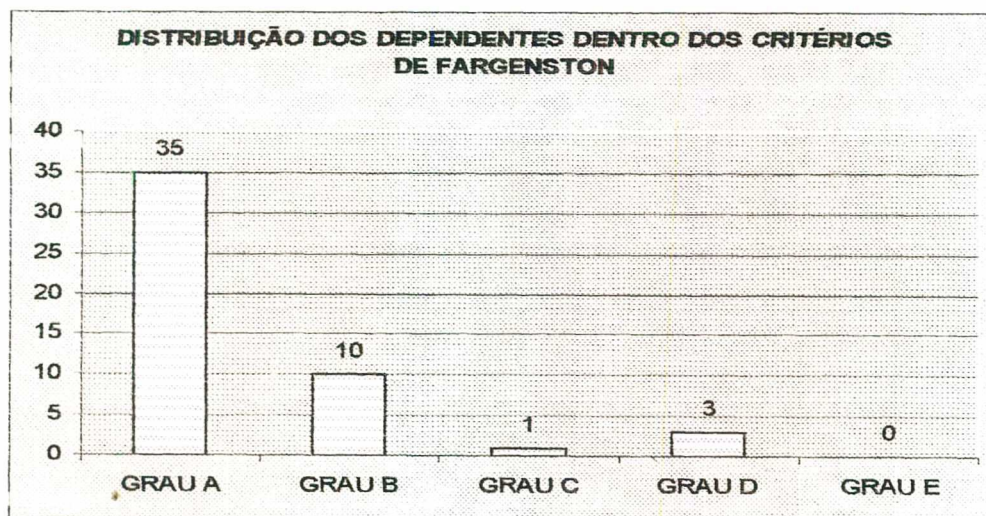


GRÁFICO VII – Distribuição dos fumantes quanto ao grau de dependência à nicotina.
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

Quando indagados sobre com quem aprendeu a fumar, 54 alunos fumantes ou ex-fumantes referiram ter aprendido com os amigos, 29 afirmaram sozinhos, 8 com seus parentes, 6 aprenderam com os pais e 4 aprenderam com colegas de trabalho.

Sobre as razões que levaram os fumantes atuais ou pregressos a fumar, 73 (48 %) referiram ser por curiosidade, para outros 22 (14 %) alunos foi por rebeldia, para 14 (9 %) foi para se sentir enturmado, para 6 (4%) alunos a causa direta foi devido aos pais serem fumantes.

Quando avaliados sobre a influência da mídia no contexto dos entrevistados, 75 % referiram assistir televisão e 23 % referiram assistir televisão ocasionalmente. Para a maioria deles (GRÁFICO VIII), 304 (67 %) a televisão tem objetivo claro de fazer o telespectador comprar, 79 (17 %) acha que o objetivo é dar opção de compra e para 30 (7 %) o objetivo é educar o consumidor.

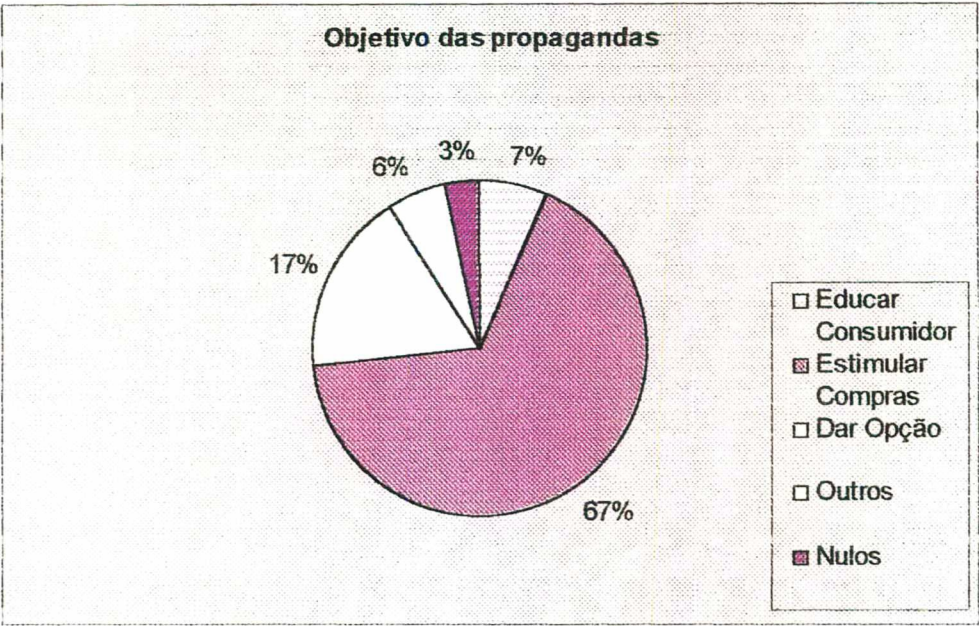


GRÁFICO VIII – Opinião sobre o objetivo das propagandas
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

Quando perguntados sobre qual a opinião sobre as propagandas de cigarros, 280 (62 %) estudantes acham-nas enganosas, 90 (20 %) acharam-nas luxuosas, 43 (9 %) acharam-nas informativas e 34 (7 %) acharam-nas sinceras.

Sendo que para 211 alunos as propagandas de cigarros deveriam trazer mais informações sobre os malefícios causados pelo fumo e 69 alunos gostariam de ter mais informações sobre a composição do cigarro. Para outros 11 alunos as propagandas de cigarro poderiam permanecer da mesma forma e para outros 4 alunos as propagandas deveriam estimular ainda mais as vendas. As opções: mais informações sobre a composição do produto e mais informações sobre os malefícios do tabagismo, foram insuficientes isoladamente para 152 alunos, sendo que eles marcaram as duas opções referentes a estes itens nesta questão.

Na opinião dos estudantes que fumam ou fumaram, 58 % deles afirma que seus pais não estão cientes do tabagismo por parte do filho. Boa parte dos pais, (76 %), proibem que seus filhos fumem e somente 27 % dos entrevistados consideram que seus pais debatem com eles sobre os malefícios causados pelo cigarro. Nos lares de 111 alunos ou 25 % do total, coabitam pelo menos um fumante, seja ele pai, mãe, irmã, tio ou empregada doméstica (GRÁFICO IX).

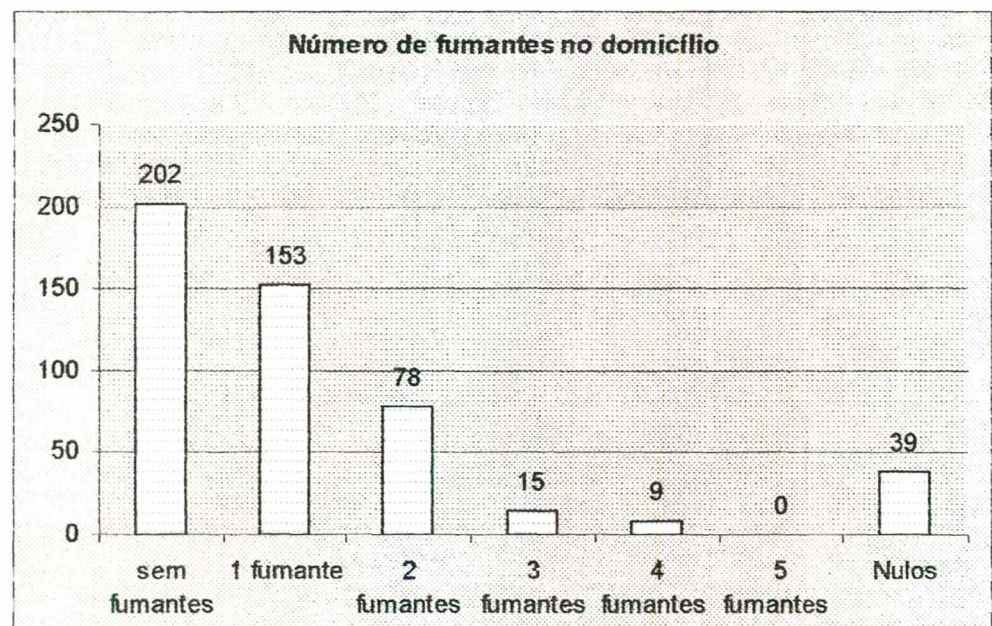


GRÁFICO IX – Quantificação da presença de tabagistas no domicílio.
Fonte: pesquisa sobre tabagismo escolar realizada em 2001.

Quando indagados sobre a frequência da prática de esportes, 263 (58 %) alunos afirmaram ter prática esportiva em alguns dias da semana, 87 (19 %) afirmaram praticar algum esporte todo dia e igual número refere não praticar esportes. Entre os fumantes atuais, 59 % refere praticar algum esporte em alguns dias da semana, 17 % refere praticar algum esporte todo dia e 24 % não pratica qualquer esporte.

5. DISCUSSÃO

Grande parte dos brasileiros fuma, sendo que cerca de 33 % da população adulta fuma, formando uma população doente (vide a Classificação Internacional das Doenças CID X), de quase 11,2 milhões de mulheres e 16,7 milhões de homens. 90 % dos fumantes ficaram dependentes entre os cinco e os 19 anos de idade ⁴, sendo que no Brasil estima-se que existam 2,4 milhões de fumantes nessa faixa etária ⁵.

Em nosso estudo obtivemos uma população de representatividade incerta devido à imprecisão dos dados oficiais. A amostra de 465 questionários teve uma distribuição relativamente uniforme entre as cinco escolas selecionadas, mas com ligeira concentração de respostas entre alunos da primeira série devido ao grande número de repetências e evasão escolar observados na rede estadual de educação (dados da Secretaria Estadual de Educação).

Contudo nosso estudo evidenciou uniformidade populacional com relação à distribuição por sexo. Também evidenciou o predomínio de católico em relação às demais religiões, de jovens com média de idade entre 15 e 17 anos, de absoluta maioria residentes em área urbana, e o predomínio de não empregados.

Foi uma constatação assustadora o fato de que 18 % dos entrevistados já terem utilizado algum tipo de droga que não o cigarro e álcool. Quando observamos que pelo menos 50 % da amostra têm idades entre 15 e 16 anos, constatamos que as epidemias do cigarro e das drogas são presenças constantes no dia-a-dia dos jovens da nossa amostra, ambas drogas contribuindo para o baixo rendimento escolar, reprovações e evasão escolar. Embora o uso de drogas seja na maioria das vezes apenas um ato experimental; vide o caso do cigarro em nossa pesquisa; é possível constatar padrões de comportamento que se estabelecerão definitivamente na vida adulta e que podem ser indicativos da necessidade de estabelecerem-se medidas preventivas e educativas precocemente ⁶.

A associação entre o cigarro e o maior consumo de outras drogas observados em outros estudos ⁶, sugerem que o cigarro seria um fator de risco a drogadição, funcionando como

marcador para a detecção precoce de indivíduos vulneráveis a drogadição, facilitando a intervenção em ambas doenças.

A prevalência de tabagismo de 10 % em nosso estudo está abaixo da observada em outros estudos, sendo provavelmente consequência da não definição clara do que seja um fumante e de qual a quantidade de cigarros que uma pessoa necessita fumar em determinado período para ela efetivamente torna-se um fumante. A Classificação Internacional de Doenças não estratifica o patamar de consumo, sendo o enquadramento clínico de uma pessoa como fumante, um dado subjetivo que parte do julgamento e experiência pessoal do médico. Lolio *et al.* definiram como tabagismo o uso consistente de cigarros e/ou cachimbo por seis meses ou mais, todos os dias, até o momento da entrevista. Para ele ex-fumante seria qualquer fumante que tenha declarado o abandono do vício até o momento da entrevista ¹¹

Dessa forma, no presente trabalho, não tivemos critérios objetivos para a definição clara das características do que seria um fumante, uma vez que sabidamente o uso do cigarro entre a maioria dos jovens costuma ser ocasional. Se houvéssemos seguido os critérios definidos pela OMS, que caracterizam como fumantes habituais qualquer pessoa que houvesse consumido ao menos um cigarro nos últimos 30 dias prévios à pesquisa, certamente a prevalência do tabagismo seria mais elevada que a encontrada ¹.

Nossa prevalência foi inferior a encontradas por Ivanovic *et al* no Chile no ano de 1997, onde 15,4% dos estudantes entre 13 e 15 anos eram fumantes e 36 % dos estudantes no correspondente chileno ao ensino médio eram fumantes ¹³. Também foi inferior à aferida por Lolio *et al* (27,6 %) no município de Araraquara para a população geral com idades entre 15 e 24 anos. Inferior à prevalência de 37 % levantada por Muza *et al.* no ano de 1990 para jovens adolescentes escolares da cidade de Ribeirão Preto, SP ¹².

Em um estudo multicêntrico brasileiro desenvolvido por Barbosa *et al.* em dez capitais brasileiras no ano de 1989, constataram-se prevalências variáveis entre 21,5 % para estudantes de segundo grau de escolas paulistas a 33,7 % para escolas do Distrito Federal ⁵. Contudo em estudo desenvolvido na cidade de Barretos no ano de 1996 por Mauad *et al.* utilizando metodologia semelhante à do presente trabalho, a prevalência de tabagismo foi levemente maior (12,4 %), que a encontrada no presente estudo (10 %).

Assim sendo, a falta de padronização metodológica e critérios estatísticos de corte e inclusão, tem dificultado o levantamento de dados fidedignos e confiáveis, o que se também se refletiu no presente estudo.¹³

Inversamente ao observado em outros estudos, a prevalência do tabagismo apresentou-se maior entre jovens da primeira série do segundo grau, 12,3 % e decaiu gradualmente para 9,3 % e 6,3 % para estudantes do segundo e terceiro anos. Tais dados contrapõem-se aos observados em vários outros estudos ^{(2), (1), (5) e (12)}, onde houve nítida progressão da prevalência com o avanço da gradação escolar.

No presente estudo confirmou-se a maior incidência de fumantes no turno noturno (12,8 %) em relação ao turno vespertino (11,8 %) e matutino (3,5 %), fenômeno previamente constatado nos estudos desenvolvidos por Mauad *et al* e pelo do Instituto Nacional do Câncer (INCA) no ano de 1996 ⁽⁷⁾.

A média de idade em que os entrevistados começaram a fumar foi de 12,8 anos de idade, semelhante a encontrada em outros estudos mundiais e brasileiros. Em parte, tal fato reflete a exposição excessiva à propaganda do cigarro e a facilidade que os menores de idade têm para comprar cigarro em pacote ou avulso (mais barato). Sem aprofundarmos a questão criminosa da distribuição gratuita de cigarros à menores em campanhas promocionais desenvolvidas pelos grandes fabricantes ⁽¹⁾.

Apesar de 99 % dos entrevistados terem afirmado que o cigarro é maléfico à saúde, 46 % deles já fumaram em algum momento da vida. Isso corrobora a tese de que os professores devem ser treinados e capacitados para reconhecer e conduzir de maneira correta crianças e jovens expostos a situações ou comportamentos de risco ao tabagismo ^{(7), (13)}.

Surpreendentemente, no presente estudo houve predomínio de fumantes do sexo feminino (60 %), o que reflete uma tendência mundial de estabilização de consumo entre os homens e um incremento de consumo entre as mulheres, fato que causará equiparação da prevalência para ambos sexos no futuro ^{(2), (1), (7)}. Esta tendência é grave, pois mulheres fumantes costumam ter dificuldades de largar o cigarro com a gravidez ⁽¹⁴⁾, e o convívio com os filhos, torna-os fumantes passivos que costumam encarar o tabagismo como um ato social normal. É evidente e bem documentado o risco aumentado de pais fumantes terem filhos fumantes ⁽²⁾.

No presente estudo introduzimos a Escala de Fargenstron, um método quantitativo para classificar e orientar o tratamento da dependência química da nicotina. Foi uma abordagem a mais que mostrou predomínio de baixo grau de dependência para a maioria dos fumantes, o que nos deve servir como orientador em mantermos os jovens conscientes dos riscos inerentes ao tabagismo e para estimulá-los à hábitos de vida saudáveis.

A maioria dos jovens referiu ter aprendido a fumar sozinho ou com amigos, outros referiram ter aprendido com parentes e com os pais. A curiosidade, tão bem explorada nas propagandas de cigarro sob o disfarce de “independência”, foi o principal motivador (48 %) para o início do uso do cigarro. Outros aspectos motivadores importantes e igualmente bem explorados na mídia seriam a rebeldia (14 %) e a necessidade da pessoa sentir-se enturmada. Ou seja, os aspectos motivadores para que um jovem seja um fumante são aspectos próprios da adolescência e seu contexto sócio-familiar.

67 % dos entrevistados têm a nítida percepção do objetivo comercial da mídia como um todo. Embora a mídia televisiva seja o principal veículo de propaganda tabagista ⁽²⁾, apenas 62 % dos entrevistados revelaram achá-las enganosas, 20% luxuosas, 9 % informativas e 7 % sinceras. Contudo os 213 jovens revelaram que gostariam de ver nas propagandas de cigarros maior informação sobre os malefícios do tabagismo, outros 69 revelaram querer informações sobre a composição do cigarro e 152 revelaram avidez por ambas informações. Tais informações revelam que o jovem está atento aos malefícios do cigarro e que está questionando as imagens que lhe são vendidas, e esse é um espaço aberto ao esclarecimento e prevenção do tabagismo.

Na opinião dos estudantes que fumam ou fumaram, 58 % deles afirmam que seus pais não estão cientes do tabagismo por parte do filho, ou seja, é muito provável que o tabagismo seja desenvolvido sob o estigma de perseguição e medo, duas sensações extremamente destruturantes na personalidade em formação e que acabam por afastar o relacionamento familiar.

Boa parte dos pais, (76 %), proíbem que seus filhos fumem e somente 27 % dos entrevistados consideram que seus pais debatem com eles sobre os malefícios causados pelo cigarro. Contudo 25 % dos entrevistados, coabitam com ao menos um fumante em casa. É sabido que quanto maior o número de fumantes no domicílio, maior o percentual de

infecções respiratórias, chegando a 50 % em crianças que vivem com mais de dois fumantes em casa ⁽⁷⁾. Além disso, crianças filhos de fumantes, tendem a ter prática esportiva limitada, o que confirmou-se em nosso estudo, determinando que além do risco aumentado para que se torne fumante, tenha o risco adicional de tornar-se um adulto sedentário, contribuindo para o surgimento de doenças cardiovasculares ^{(8), (13)}.

Assim sendo, os presentes resultados indicam a necessidade de abandonarem-se visões unicasais e admitirem-se interações multicausais acerca do fenômeno tabagismo, onde a análise detalhada dos vários aspectos envolvidos é que fornecerão subsídios necessários para a discussão da questão.

CONCLUSÕES

A partir da análise dos dados obtidos no presente estudo pode-se concluir :

- 1 – A prevalência de tabagismo foi menor do que a encontrada entre estudantes de igual idade abordados em outros estudos.
- 2 – O tabagismo teve maior prevalência entre mulheres e estudantes da primeira série do segundo grau, grupos em que a prevalência costuma ser menor do que a encontrada.
- 3 – Apesar da maioria absoluta dos jovens ter consciência dos malefícios do tabagismo, quase a metade já fez uso do tabaco em algum momento da vida.
- 4 – Boa parte dos jovens consideram as campanhas publicitárias pró-tabagistas enganosas, contudo entre os fumantes a curiosidade foi o grande motivador que levou ao vício do tabagismo.
- 5 – A sociedade deve empenhar-se em erradicar a venda de cigarro aos menores de idade, regulamentar a publicidade e estimular a prevenção ao tabagismo no ambiente familiar e escolar.

REFERÊNCIAS

1. Waren WC, Riley L, Asma S, Eriksen MP, Green L, Blanton C, Loo Cliff, Batchelor S, Yach Derek. Tobacco use by youth: a surveillance report from the Global Youth Tobacco Survey project. Bulletin of the World Health Organization, 2000; 78(7): 868 – 927.
2. Mauad EC, Bonetti LMG, Silva CM et al. Prevalência do tabagismo e seus determinantes em algumas escolas de Barretos – São Paulo em 1996. Rev Bras Cancerol, 1999; 45(1): 41 – 47.
3. Costa e Silva VL. Tabagismo um problema de saúde pública no Brasil. Jorn Bras Med 1990; 59(2): 14 – 23.
4. Tobacco or health: status in the Americas. A report of the Pan American Health organization [editorial], 1992; 536: 64 – 77.
5. Barbosa MTS, et al. O uso do tabaco por estudantes de primeiro e segundo graus em dez capitais brasileiras: possíveis contribuições da estatística multivariada para a compreensão do fenômeno. Rev Saúde Públ, 1989; 23(5): 401– 409.
6. Tavares BF, Béria JU, et al. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. Rev Saúde Públ, 2001; 35(2):150 - 158.
7. Falando sobre tabagismo. Anuário Estatístico do INCA – CONTAPP, 1996. [Revista Eletrônica, novembro de 2001]; 1(1):[54 telas]. Disponível em : <http://www.inca.org.br/tabagismo>.
8. Carvalho CM. Fumo e saúde – diversas doenças tabaco-relacionadas. Jorn Bras Med, 1991; 60(5): 64 – 73.
9. Horta BL, Calheiros P, Pinheiro RT et al. Tabagismo em adolescentes de área urbana na região Sul do Brasil. Rev Saúde Públ, 2001; 35(2): 159 - 164.
10. Moraes LB, Fuchs FD et al. Prevalência de tabagismo e fatores associados em área metropolitana da região Sul do Brasil. Rer Saúde Públ, 1995; 29(1): 46 - 51.
11. Lolio CA, Souza JMP et al. Prevalência de tabagismo em localidade urbana da região sudeste do Brasil. Rer Saúde Publ, 1993; 27(4): 262 - 5.

12. Muza GM, Bettiol H, Mucillo G et al. Consumo de substâncias psicoativas por adolescents escolares de Ribeirão Preto, SP. I – Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. Rev. Saúde Publ, 1997; 31(1): 21 - 9.
13. Daniza IM, Carmen CG, Ivanovic RM. Factores que inciden en el habito de fumar de escolares de educación básica y media Del Chile. Rev. Saúde Publ, 1997; 31(1): 30 - 6
14. Halal IS, Vicctoria CG. Determinantes do hábito de fumar e de seu abandono durante a gestação em localidade urbana na região sul do Brasil. Rev. Saúde Publ, 1993; 27(2):105 - 12.

NORMAS ADOTADAS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi feito em conformidade com as regras determinadas pela RESOLUÇÃO nº. 001/2001 aprovada em Reunião do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina em 05 de julho de 2001.

**TCC
UFSC
SP
0050**

Ex.1

N.Cham. TCC UFSC SP. 0050

Autor: Nora, Hugo Cristia

Título: Prevalência do tabagismo e seus



972810737

Ac. 254128

Ex.1 UFSC BSCCSM